



## **Os Efeitos da Comunicação de Massa Digitalizada : Uma releitura de McLuhan na pós-modernidade<sup>1</sup>**

Autor: Jimi Aislan Estrázulas<sup>2</sup>  
Orientador: João Bosco Ferreira<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Amazonas

### **Resumo**

Este trabalho propõe-se a levantar questões referentes aos efeitos que a multiplicidade de meios, com fluxos incessantes de informações, pode causar. Uma releitura de McLuhan, através de suas três teses mais conhecidas (o meio é a mensagem, os meios de comunicação são extensões do homem e meios quentes e meios frios), permite identificar caminhos para a compreensão desses efeitos. A proposta é analisar como a confluência dos meios se estende além da capacidade de compreensão das mensagens e gera indivíduos menos sensíveis. A pós-modernidade tem se configurado pelo acúmulo de imagens e mensagens, que invadem nossos sentidos com uma larga quantidade de mídia e se sucedem num fluxo contínuo de informações. Tudo isso apoiado pelo novo meio digital: a internet. O estudo parte da observação social e está exposto como contribuição e forma de estimular o estudo por uma ótica de McLuhan, tentando alertar para o fato social que tem estado comum à sociedade, mas que ficou discreto entre os estudiosos da comunicação: a alienação pelo excesso de informações.

### **Palavras-chave**

Alienação digital; Teoria do Meio; McLuhan; Teoria da Comunicação;

---

<sup>1</sup> Trabalho a ser apresentado ao GT0 8 Teoria e Metodologia da Comunicação, do VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte.

<sup>2</sup> Aluno de Graduação da Universidade Federal do Amazonas

<sup>3</sup> Mestre em Sociedade e Cultura no Amazonas e Professor do Departamento de Comunicação social da Universidade Federal do Amazonas



Durante algum tempo, as teorias de Marshall McLuhan ficaram marginalizadas às academias comunicacionais e ele foi reduzido a “filósofo favorito da Madison Avenue”<sup>4</sup>. Contudo, a Madison Avenue foi se aproximando cada vez mais do Mundo, naquele fenômeno que o próprio McLuhan chamou de aldeia global. As três teses mais importantes de McLuhan serão objeto de estudo neste artigo. A primeira diz respeito aos meios de comunicação de massa como extensões do homem. A segunda, a análise sobre o efeito intrínseco dos meios, qualificados como meios frios ou meios quentes. A terceira, a transfiguração da mensagem no meio que a transporta. Não falo em análise de McLuhan, falo em releitura. Isso porque a pós-modernidade trouxe a confluência de mídias para dentro de um (ciber) espaço, criando um novo meio de comunicação: a rede mundial de computadores, mais conhecida como Internet. Além de reunir a qualidade dos outros meios, a internet introduziu um novo valor espaço-temporal como nenhum outro meio soube fazer. Infelizmente, McLuhan não teve tempo para viver os efeitos desse novo meio.

A internet como media, traduziu a noção de “*on line*” como tempo real e obrigou os outros meios a se ajustarem a esse padrão informacional. TV, rádio, jornal, revistas se reinventaram, conforme a exigência do novo consumidor, por um maior número de notícias em um menor espaço de tempo. Os efeitos dessa competitividade entre medias ainda passa despercebido porque, como explicou Alvin Toffler, é sempre mais difícil perceber a mudança quando estamos dentro dela. A construção, destruição e reconstrução da realidade acontecem com tal velocidade que nos acostumamos a ver a pós-modernidade na figura clássica de Berman: um turbilhão de novidades que desmancha o objeto mais sólido no ar<sup>5</sup>.

McLuhan afirma que os meios de comunicação funcionam como extensões do homem, atuando no conjunto dos sentidos humanos. Uma pessoa que nunca foi à Amazônia poderá ver, através da televisão, um autêntico macaco-prego, ou observar como o peixe-boi é um animal dócil, isso tudo sem nunca ter ido à Amazônia. A televisão prolongou não só a visão, como a percepção do mundo através das mais infindas culturas.

Para cada meio, McLuhan pousava um sentido e repousava nele a sua tese de extrapolação sensorial. Num raciocínio silogístico é possível afirmar que os meios

---

<sup>4</sup> A expressão é de Neil Compton citada no artigo “O meio é a mensagem: análise de McLuhan” de Gabriel Cohn

<sup>5</sup> Marshall Berman utiliza a concepção de modernidade dividida em fases, para afirmar que a modernidade de Marx, Nietzsche e Weber, do século XIX, era diferente da nossa modernidade do século XX



funcionam como extensão da percepção humana, que abrange toda a noção de *modus vivendis*. Volto aos exemplos *mcluhanianos* para lembrar que uma pessoa que se desenvolve isolada dos meios de comunicação torna-se muito mais mítica, e suscetível de temor reverencial por tudo, do que a criança que se desenvolveu dentro da sociedade de massa. Hoje, no processo de aldeamento global, esse exemplo nos parece improvável, pela possibilidade de alcance dos meios de comunicação.

Seguindo o raciocínio de McLuhan, como poderia o homem pós-moderno acompanhar o fluxo ininterrupto de informações, que navegam à velocidade da luz e que são atualizadas minuto a minuto diante das páginas da internet? Até onde o meio alcança a percepção humana e até onde a percepção humana acompanha o alcance de um determinado meio?

Na hora de explicar um possível efeito que um meio infringe à audiência, a maioria dos teóricos levou em consideração a possibilidade de cognição como aspecto secundário ou agentes mediadores de suas teorias. Algumas teorias como a do Agendamento<sup>6</sup>, mostram-se mais atuais na medida em que a imprensa esgota determinados assuntos, de maneira maciça, pois os meios também se agendam uns aos outros. Mas essa teoria é ultrapassada por não compreender o vasto fluxo informacional, no que se refere a rapidez com que o agendamento é repostado. Esse fluxo não é só pautado por notícias, mas pelo completo conceito da palavra comunicação (entretenimento, educação, cultura, socialização, etc.). Outra teoria que se encaixa nesse padrão é a Teoria do *Knowledge Gap* (ou do diferencial de conhecimento) que se torna atual pela imposição de um sistema econômico, que dilata a distância entre as classes sociais, e considera esse afastamento é resultado do diferencial de conhecimento entre essas classes, para concluir, com propriedade, que

uma das questões centrais é a relação entre a manutenção do poder e a distribuição social do conhecimento. Para Donohue, Tichenor e Olien (1973), o controle do conhecimento é essencial para assegurar a manutenção do poder, sendo relevante o facto de os sectores que participam na gestão do poder disporem de mecanismos especializados no controlo e orientação da informação.

(Sousa, 2006)

---

<sup>6</sup> Apresentada por McCombs e Shaw, essa teoria também ficou conhecida como a Teoria do Agenda-Setting



É sempre contundente falar em controle dos meios de comunicação como sinônimo de controle do conhecimento (e poder), seja na manipulação da informação, na distribuição, ou mesmo no agendamento de determinados assuntos. Mas se a quantidade de informações distribuídas pelos media ultrapassarem a capacidade humana de receber e processar todas as informações, isso resulta em um novo modelo que desconsidera o conteúdo (descartando o agendamento) e mantém o poder dos media pela exposição ininterrupta das informações.

Essas relações dos novos meios com o indivíduo foram objetos estudados por Joshua Meyrowitz, um discípulo da teoria de McLuhan (inclusive cunhando o termo “Teóricos do Meio”). Meyrowitz apresenta um paralelo entre a teoria do meio e o interacionismo simbólico proposto por Erving Goffman. Nessa concepção, os novos meios mudam as fronteiras dos fatos sociais, estabelecem novas relações e condicionam novos comportamentos<sup>7</sup>. Essa mudança no comportamento social depende do nível de informação e do conhecimento das pessoas. Essa proposta não é totalmente nova, Lucien Goldmann já falava em fato social atrelado à *Consciência Possível*. Segundo Goldmann, “o conceito de máximo de consciência possível, fundamenta-se na hipótese inicial de que todos os fatos humanos constituem processos de estruturação significativa orientados para equilíbrios provisórios e dinâmicos”<sup>8</sup>.

Talvez tenhamos alcançado um estágio em que o limiar da consciência possível esteja sendo ultrapassado pela grande oferta de informações da pós-modernidade. As empresas midiáticas tendem a supersaturar os meios de comunicação de massa, como estratégia mercadológica, o que torna o processo comunicacional mais frágil, pois o qualifica como parte de um modelo de mercantilização da informação e transforma espaços públicos de comunicação em conglomerados privados, fato este que não será aprofundado nesse artigo pela complexidade do tema. Nesse instante é interessante incluir a segunda tese de McLuhan sobre Meios Quentes e Meios Frios, pois o que se tem é um superaquecimento dos meios.

Quando McLuhan escreve sobre meios quentes e meios frios, ele define que “Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. (...) um meio quente permite

---

<sup>7</sup> Estudo proposto no IV Encontro dos Núcleos de pesquisa da Intercom, por Janara Sousa da Universidade de Brasília

<sup>8</sup> Consciência possível e comunicação, artigo contido na obra *Comunicação e indústria cultural*, organizado por Gabriel Cohn



menos participação que um meio frio”<sup>9</sup>. Nesse universo, o meio frio cederia ao receptor a possibilidade de participar e, no processo comunicacional, interagir com suas próprias reflexões. O superaquecimento dos meios causaria o efeito contrario, culminando num meio menos participativo. A questão que se coloca não é a participação presencial, até porque a febre dos Blogs<sup>10</sup> provou que a internet, enquanto meio superaquecido, é capaz de agregar receptores, mas sim a consciência situacional, ou como Goldmann definiu “consciência possível”. O alto fluxo de informações culmina num curto tempo para reflexão, tempo esse reduzido ainda mais se acrescentada a idéia de que o homem não recebe informação todos os minutos do dia. Com isso, mercadologicamente, tornou-se necessário apresentar a informação de maneira mais reduzida, pronta para consumo imediato (numa espécie de *fastfood* da informação) e saturada de dados em alta definição em novos modelos estruturais (alguns jornais impressos já apresentam apenas o lide como estrutura noticiosa)<sup>11</sup>. De um lado tem-se um meio superaquecido, pela falta de participação situacional e dados altamente definidos. De outro, um meio que transcende a captura das informações e extrapola a percepção sensorial.

A nova maneira de fazer comunicação, orientada pela Internet e seguida pelos outros meios passa pela tese mais polêmica de McLuhan: o meio é a mensagem. McLuhan utilizou como exemplo a energia elétrica, mas essa tese fica ainda mais clara quando a projetamos na internet. A rede mundial de computadores trabalha com o sistema binário, digital, viaja à velocidade da luz e liga vários emissores/receptores ao mesmo tempo. A velocidade dessa media impôs uma nova velocidade às informações.

Os meios impressos migraram, em parte, para o media digital, e a maioria dos jornais impressos possuem versão “*on line*”. As televisões já estão transmitindo dados e permitindo que o telespectador interaja de maneiras diferentes com o aparelho que antes só transmitia, é a TV digital. O rádio também tem seu projeto de digitalização e emissão de dados e, com novos aparelhos tecnológicos será possível ouvir um boletim noticioso e “ler”, através do aparelho, a notícia completa. Por mais que Umberto Eco tenha razão ao afirmar que o pressuposto da comunicação parte da intenção de comunicar a algo à alguém, fica difícil não perceber que as novas mensagens estão envoltas nas qualidades físicas do meio digital. Essas qualidades modificam o sentido, o tempo e o espaço

---

<sup>9</sup> McLuhan, 2005, p. 38

<sup>10</sup> Páginas na Internet que permitem a exposição de opiniões pessoais acerca de qualquer assunto. Essas páginas são de domínio privado, mas o uso geralmente é gratuito.

<sup>11</sup> Ver o caso da reestruturação do jornal O Correio do Povo de Porto Alegre, num artigo de Jacques Wainberg intitulado “A morte de jornais centenários e o caso do Rio Grande do Sul”, contido no livro “O jornal” de Maurice Mouillaud.



comunicacional, alterando também as percepções humanas. Tudo isso através da necessidade de informar com rapidez, para quem emite, e se informar com rapidez, para quem consome.

A convergência dos media não representa que um meio especificamente perca importância ou mesmo seja extinto. Mas essa transformação passa pela sinestesia informacional que, segundo McLuhan, superaquem o novo meio e trabalham além da extensão real do homem. A disponibilidade de informações gera um espaço complexo de mensagens emitidas (nas mais variadas formas e com os mais variados assuntos) que torna inatingível o acompanhamento do processo na totalidade.

Goldmann trabalha com a idéia de que a vida social do grupo é orientada para o equilíbrio, e é possível que a consciência de determinadas informações possa ter conseqüências negativas para a realização desse equilíbrio. Em ultima estância, o equilíbrio é sempre mantido, até por questões de controle social<sup>12</sup>. Um exemplo disso é o fato de tornar-se um hábito comum assistir noticiários enquanto se realizam refeições. Geralmente esses noticiários são compostos por matérias que falam em número de mortos, assassinato em série, casos de violência doméstica, extermínio no Iraque, e outras atrocidades humanas. Mas isso não interrompe a refeição. O equilíbrio necessário para isso é fornecido pela nossa insensibilidade ao fluxo informacional. Tornou-se habitual ouvir números de violência e eles se sucedem de tal maneira e com tal velocidade que não há tempo hábil para digerir a dimensão funesta desses fatos.

A impressão que se tem é que a alienação não surge pela falta do conhecimento, mas pelo excesso dele. A saturação dos sentidos torna-se presente em quase todos os caminhos do dia-a-dia. Ler uma informação na Internet é perceber que ao lado da informação existem outras tantas que tornam o término da leitura sofrível, ou pelo menos prejudicado cognitivamente. É como se a todo o momento houvesse “algo” nos “falando”, trocando informações com os nossos sentidos.

A pluralidade de assuntos que a Internet pode abrigar é impressionante. É possível encontrar qualquer tipo de assunto, independente do código utilizado (a aldeia digital é global mesmo), a qualquer tempo. Claro que há ressalvas, como o processo de exclusão digital, mas um fator que torna comum a incapacidade de orientar a procura é na expressão de Meyrowitz, o analfabetismo midiático, que exclui do receptor “a concepção dos medias como ambientes, o que alerta para a necessidade de

---

<sup>12</sup> Foucault afirma essa idéia no livro *Microfísica do Poder*



compreendermos a influência das características de cada meio”<sup>13</sup>. O processo tecnológico de informação sofreu mutações sucessivas e rápidas a ponto de, no espaço de uma geração, haver pessoas que não acompanharam este processo e hoje subutilizam as tecnologias existentes.

O efeito fim da digitalização da informação, seja na esfera visual, audível, legível ou sinestésica<sup>14</sup>, é a criação de um novo espaço comunicacional. Esse espaço não é real porque ultrapassa a extensão da compreensão humana (sensorial cognitiva). É um espaço virtual. Com ele, as relações sociais tendem a se virtualizarem, pois as formas de comunicação são tragadas pelo meio. Numa análise da nossa realidade é possível verificar que, se a geração dos estudantes franceses de 1968 ou estudantes brasileiros de 1992 (os caras-pintadas) foram às ruas protestar, hoje a geração adolescente faz páginas na internet em sites de relacionamentos sobre uma determinada manifestação, mas a mobilização presencial se perde na esfera digital.

Outra possibilidade que esse novo espaço traz é a subclassificação dos meios. Acredito que, como objeto de novos estudos, poderemos observar que o meio digital irá sublocar suas qualidades para os outros meios. Assim teremos a TV digital, a Rádio digital, o Jornal digital como subsistemas do meio digital. Hoje, telefones móveis já são capazes de reunir essas multimídias num único aparelho e a preços acessíveis. Há que se buscar uma forma de compreender como a confluência dos meios está escapando aos olhos do pesquisador comunicacional.

Contudo isso, acredito ter sido possível verificar que unir as idéias de McLuhan (os meios de comunicação são extensões do homem, há meios quentes e meios frios, e a mensagem se reveste das qualidades do meio) é o melhor modo de pensar no novo espaço comunicacional criado pela confluência das mídias. Aparentemente, comodismo e alienação parecem ser os efeitos mais imediatos deste novo meio. As relações interpessoais são prejudicadas no sentido interacional, em que o aquecimento de um meio, culmina na impessoalização da mensagem. O fato de cada vez mais substituirmos uma visita por um telefonema, um telefonema por uma mensagem eletrônica, uma mensagem eletrônica por uma mensagem de telefone móvel, torna-nos mais isolados no mundo real, e ligados virtualmente. A televisão à cabo com centenas de canais, as emissoras de rádio em todas as bandas de frequência, o imediatismo do Webjornalismo,

---

<sup>13</sup> Meyrowitz, Joshua. *As múltiplas alfabetizações midiáticas*. Revista Famecos, n°15, agosto 2001. Porto Alegre

<sup>14</sup> A informação se torna digital e os meios, antes separados por qualidades diferentes, tornam-se pares pela característica do meio.



tudo isso multiplicado pelas possibilidades da Internet, recaem sobre os sentidos humanos e nos torna menos humanos em relação a interação pessoal.

A sugestão deste estudo não é definir quão maléfico podem ser os efeitos deste novo meio de comunicação, mas sim quão estranho seria desconsiderar os instrumentos gerados por McLuhan para analisá-los. O novo meio existe. As qualidades dele são lançadas às mensagens. As mensagens se transformam a cada nova tecnologia. O meio cria um novo espaço público de comunicação, estabelece um novo ambiente de relação humana e se torna superaquecido pela complexa capitalização da informação. E no final de todo o processo comunicacional permanece o homem. Cada vez mais isolado pela pluralidade de informações, tentando estabelecer o equilíbrio de uma consciência possível, buscando todas as formas de interagir na sociedade. Há que se saber agora se essa sociedade é real ou virtual.

Nas palavras de Eric McLuhan, filho e seguidor das idéias de Marshall McLuhan, fica a orientação que “se entendemos as transformações revolucionárias causadas pelos novos meios, poderemos antecipá-las e controlá-las; mas se continuarmos em nosso transe subliminar autoinduzido, seremos seus escravos”, pois “a tecnologia oferece, quem sabe pela primeira vez, um meio para tratar com o ambiente em si como um instrumento direto de visão e conhecimento”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Irene Machado retira esta citação do Livro *McLuhan: escritos essenciais* de Eric McLuhan e Frank Zingrone



## Referências bibliográficas

BORDENAVE, J. D.. *O que é Comunicação*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BULIK, Linda. Na órbita da galáxia de Gutenberg. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom. Disponível em: <[http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18621/1/2002\\_NP1bulik.pdf](http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18621/1/2002_NP1bulik.pdf)>. Acessado em: 25 abr. 2007.

DOWBOR, Ladislau. et al. *Desafios da comunicação*. 2. ed. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GARANDERIE, A. De la. *Pedagogia dos Processos de Aprendizagem*. 2. ed. Tradução de Paulo Francisco Teixeira Melo. Portugal: ASA, [1991?]

LESSA, M.B.; CAMPOS, R.M. Indústria Cultural & Cultura da Mídia: da Modernidade à Lógica Cultural Pós-Moderna. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17275/1/R-0934-1.pdf>> Acessado em: 19 fev. 2007.

LIMA, Robson L. R. de. As teorias da leitura aplicadas ao texto. Revista PEC, vol. 3, Nº1, Curitiba, 2002/2003. Disponível em: <[http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revistaPEC\\_2003/2003\\_teorias\\_leitura\\_aplicada\\_texto.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revistaPEC_2003/2003_teorias_leitura_aplicada_texto.pdf)> Acessado em: 22 jan. 2007.

MACHADO, I.D.A. Ah! se não fosse McLuhan... In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/181-51/1/R0600-1.pdf>> Acessado em 19 fev. 2007.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MCLUHAN, M. FIORE, Q. *Os meios são as mensagens*. Rio de Janeiro: Record, [1969?]

\_\_\_\_\_. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, [1971?]

MÉDOLA, A.S.L.D. A perspectiva teórica das mediações nos estudos de recepção. Revista Galáxia, Nº5, São Paulo: EDUSP, 2003.

MEYROWITZ, Joshua. As múltiplas alfabetizações midiáticas. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº. 15. 2001. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/15/a09v1n-15.pdf>> Acessado em: 27 abr. 2007.

MONTEIRO, A.V. A imagem e o exercício de um pensamento comunicacional hoje. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18186/1/R1697-1.pdf>>. Acessado em 19 fev. 2007.

MOUILLAND, Maurice. *O Jornal: da forma ao conteúdo*. 2. ed. Organização de Sérgio Dayrell Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.



NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. 2. ed. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RIBEIRO, L.M. Estudo Crítico da Cultura Midiática Contemporânea. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17289/1/R1888-1.pdf>> Acessado em 19 fev. 2007.

SERRA, Paulo. Iluminismo e comunicação – de Locke a Kant. Universidade da Beira Interior. Portugal. Disponível em: <[bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-iluminismo-comunicacao-locke-kant.pdf](http://bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-iluminismo-comunicacao-locke-kant.pdf)> Acessado em: 17 fev. 2007.

SOUSA, J.K.L.L. Segunda Geração da Teoria do Meio: a contribuição de Meyrowitz. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17273/1/R0428-1.pdf>. Acessado em: 19 fev. 2007.

SOUSA, J. P. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. 2. ed. revista e ampliada. Porto. 2006. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequsa-comunicacao-media.pdf>> Acessado em: 25 abr. 2007.

VESTERGAARD, T; SCHRODER, K. *A Linguagem da Propaganda*. 2. ed. Tradução João Alves dos Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1994.